

Venezuela em transe



Sem Maduro no palácio, e na ausência de uma indicação clara de Trump sobre o futuro do país, oposicionistas e remanescentes do chavismo se movimentam no vazio político aberto pela intervenção dos Estados Unidos

Transição será jogo aberto

» SILVIO QUEIROZ

A "transição criteriosa" anunciada pelo presidente Donald Trump deve enfrentar mais obstáculos e apresentar mais incógnitas do que sugere a fórmula escolhida pelo presidente dos EUA. Nas primeiras horas desde a fulminante captura de Nicolás Maduro, a única movimentação oficial em Caracas foi uma rápida e discreta cerimônia em que a vice, Delcy Rodríguez, assumiu como interina. Ela mesma foi citada por Trump na entrevista coletiva em que informou detalhes sobre a operação militar e apresentou seus planos iniciais para a Venezuela. Mas a própria oposição venezuelana reagiu de início com surpresa, sem ter à mão um nome ou um processo a propor. O chavismo tenta ainda se reagrupar para resistir à "agressão". E os militares, fator de poder decisivo no país, mantinham silêncio até o fechamento desta edição.

"O único presidente da Venezuela é o presidente Nicolás Maduro", afirmou a recém-empossada Delcy diante do Conselho de Defesa da Nação, reunido em caráter extraordinário com transmissão ao vivo em rede nacional. Ela fez questão de exibir para as câmeras de tevê o decreto que coloca a Venezuela em "estado de comodão exterior", documento assinado ainda pelo presidente em seguida aos bombardeios que precederam sua captura. As disposições equivalem a um chamado para que as Forças Armadas regulares e as milícias chavistas se apresentem para combate.

"Nós estamos prontos para defender a Venezuela, nós estamos prontos para defender nossos recursos naturais, que devem ser para o desenvolvimento nacional", desafiou a presidente interina da Venezuela, respondendo indiretamente à afirmação de Trump sobre a entrada de empresas dos EUA na exploração de petróleo no país. "Exigimos a libertação imediata do presidente Nicolás Maduro e de sua esposa, Cilia Flores", arrematou.

Oposição

Delcy Rodríguez foi mencionada pelo próprio Trump como opção possível para conduzir uma transição. "Eles têm uma vice-presidente que acabou de ser empossada como presidente há pouco", comentou, acrescentando um suposto contato da interina com o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio. "Ela teve uma longa conversa com Rubio e disse: 'Faremos tudo que vocês precisarem'", assegurou o republicano. "Na verdade, não lhe resta outra opção." Trump respondia a uma pergunta sobre o papel que poderia caber à líder opositora María Corina Machado. "Ela é uma mulher muito simpática, mas não tem apoio para governar", resumiu. "Não tem o respeito



O líder chavista e sua vice, Delcy Rodríguez, no balcão do Palácio de Miraflores: empossada presidente interina do país, ela reafirmou lealdade e exigiu a liberdade de Maduro

"O único presidente da Venezuela é o presidente Nicolás Maduro"

Delcy Rodríguez, presidente interina

que merece na Venezuela."

Maria Corina, que se encontra na Noruega desde que foi premiada com o Nobel da Paz, no mês passado, afirmou que a oposição deveria ser prontamente convocada a assumir o governo do país. Apontou como nome para ocupar a presidência o candidato derrotado por Maduro em 2014, Edmundo González — que, como ela, se encontra no exílio na Europa. A oposição sustentou que González foi o legítimo vencedor da eleição, e tem o respaldo dos EUA, de aliados europeus e de vários governos latino-americanos.

Incógnitas

"A Venezuela e os venezuelanos, sem dúvida com o apoio dos EUA, entraram em um processo complexo de transição política, um período progressivo de restabelecimento democrático e reestruturação do Estado", disse ao *Correio* o advogado e cientista político Orlando Vieira-Blanco, columista do jornal venezuelano *El Universal*. "Não é o fim de uma era, mas estamos em caminhos a uma mudança profunda no modelo de poder."

Vieira-Blanco está convencido de que o "chavismo-madurismo",

como chama, "perdeu toda a sua força histórica", embora admita que "alguns atores" poderão atuar individualmente, "desde que se adéquam à agenda dos EUA". Maria Isabel Puerta, professora de ciência política da Universidade do Colorado (EUA) — e também venezuelana —, faz uma avaliação mais prudente. "Por ora, não parece que o regime tenha sido propriamente derrubado" pondera, mencionando as tratativas mencionadas por Trump com a presidente interina. Além de Delcy, teria também conversado com Marco Rubio o ministro do Interior, Diosdado Cabello, visto como uma espécie de "número dois" do chavismo.

"Temos um vazio de poder a ser ocupado, e não sabemos quem o fará", sustenta a estudiosa. Ela lembra que o apoio dos militares será fator decisivo para qualquer solução política com alguma durabilidade. Vieira-Blanco concorda quanto às incertezas, inclusive no que diz respeito ao eventual papel que possa ser desempenhado pela interina ou por outros remanescentes do chavismo. "Para Trump, nada é definitivo na Venezuela."

Em meio a incertezas sobre o futuro do país, venezuelanos formaram longas filas em busca de abastecimento nos poucos supermercados abertos e em postos de gasolina. Na capital, Caracas, centenas de seguidores do chavismo protestaram contra a captura de Nicolás Maduro, enquanto seus detratores mantiveram-se em silêncio nas ruas, mas celebraram nas redes sociais.

Agentes vestidos de preto, com o rosto coberto e armas de grande porte, percorriam nervosos o centro da capital venezuelana, onde ficam as repartições públicas. Eles também fizeram a segurança do Palácio Presidencial de Miraflores, onde Maduro liderou recentes comícios contra o imperialismo, nos quais dançava ao ritmo eletrônico de *No war, yes peace*.

Após os bombardeios militares americanos na madrugada, fumaça e cheiro de pólvora invadiram as ruas desertas de Caracas nas primeiras horas do dia. As primeiras explosões tiraram muitos de suas

camas em Caracas. Foi um estremo desconhecido para o país, que não tem guerras há décadas.

"Foi horrível, sentimos os aviões passarem por cima da nossa casa", contou, sob anonimato, um morador do bairro Coche, próximo a Fuerte Tiuna, o maior complexo militar da cidade, principal alvo dos ataques por ser o local onde estavam Maduro e a mulher, Cilia Flores.

"Como é que um governo estrangeiro vem, se mete no país e tira o presidente? É uma coisa absurda", reclamou Katia Briceño, professora universitária de 54 anos. "Não foi tanta surpresa, porque nós já tínhamos previsto que a qualquer momento poderiam nos atacar", contrapôs Pastora Vivas, uma miliciana de 65 anos.

Cerca de 500 simpatizantes do governo compareceram a um ato no centro da capital para exigir a libertação do líder chavista. "Viva Nicolás Maduro!", gritaram manifestantes a partir de um palanque com caixas de som.

Do volante para o palácio

Nicolás Maduro está no radar do Itamaraty desde quando foi o ministro das Relações Exteriores, entre 2006 e 2013, quando sucedeu ao padrinho político, Hugo Chávez. Nesse período, ficou conhecido na diplomacia brasileira como uma espécie de "face gentil" do regime bolivariano. Em diferentes ocasiões nas quais o presidente se retirou abruptamente de encontros de âmbito regional, descontente com o rumo das decisões, coube ao chanceler a missão de remendar os rasgões e costurar soluções de consenso com os pares.

Em alguma medida, jogou a seu favor uma das vertentes de sua formação. Maduro, hoje com 63 anos recém-completados, começou a vida política como sindicalista — foi

por muitos anos motorista de ônibus em Caracas. Vem daí sua adesão a um ideário vagamente socialista, assim como uma disposição de ofício para o diálogo, que acabou sendo testada quando, já como vice, teve de ocupar o centro do palco quando Chávez se afastou por doença, no fim de 2012, e morreu meses depois.

De saída, o ex-dirigente sindical e ex-deputado foi chamado a se impor dentro do próprio Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV), a legião do chavismo, onde tinha concorrentes e desafetos. Já em 2014, seu segundo ano no Palácio de Miraflores, enfrentou a primeira onda de manifestações da oposição. Elas se repetiram nos 13 anos em que esteve no poder — quase igualando os 14

do antecessor. Em especial, elas coincidiram com as duas reeleições (2018 e 2024), ambas contestadas dentro e fora do país.

A cada ocasião em que foi desafiado, respondeu com a mão de ferro que parecia faltar ao sindicalista e chanceler. Ainda nos últimos dias, foram libertados cerca de 90 dissidentes presos nas manifestações de 2024. E, há menos de um mês, reapareceu em público, depois de meses da clandestinidade, a líder opositora María Corina Machado, que conseguiu escapar do país para ser premiada na Noruega com o Nobel da Paz.

A faceta "Maduro paz e amor" se fez presente até mesmo com o país sob cerco aéreo dos EUA, determinado por Donald Trump. O presidente venezuelano chegou



Maduro observa quadro do padrinho político e mentor Hugo Chávez